CONVERSAÇÃO COM ANDRÉ GIDE [[1]](#footnote-2)

É agradável conversar com André Gide em seu quarto de hotel [[2]](#footnote-3). Sei que ele possui uma casa de campo em Cuverville e um apartamento em Paris e seria uma impressão certamente inesquecível, encontrá-lo entre seus livros, nos lugares onde ele concebeu e realizou sua grande obra. Mas não compararia isto ao encontro com esse grande viajante em meio a seus fardos, *omnia sua secum portans [[3]](#footnote-4),* em estado de prontidão defensiva, à luz clara da manhã em seu amplo quarto de hotel na *Potsdamer Platz*. Podemos admitir que a entrevista (*Interview*) [[4]](#footnote-5), uma forma que diplomatas, economistas, gente de cinema, criaram para si, não é, à primeira vista, o meio pelo qual o poeta (*Dichter*)– o mais diferenciado entre os viventes – se dá a reconhecer. Se observarmos melhor, a entrevista parece de fato diferente. Fala e resposta articulam o pensamento gideano como um raio de luz. Eu o comparo a uma fortaleza: tão inalcançável visualmente em sua construção, com circunvalações, em recuos e bastiões avançados, sobretudo tão rigoroso na forma e tão perfeito na construção de sua adequação dialética a fins.

Mesmo o último dos amadores sabe que é perigoso tem consequências fazer registros nas proximidades de fortalezas. Papel e lápis tiveram que ser deixados de lado e se as palavras seguintes forem autênticas, elas o são graças à agudeza da suave e entusiasmada voz que as gerou.

Quase não fiz a Gide perguntas que normalmente, mais por rotina do que por interesse, surgem em uma entrevista. Pois tal como ele estava sentado à minha frente em um degrau da sacada interna do quarto, recostado na almofada de uma poltrona, com um *Foulard [[5]](#footnote-6)* marrom envolto no pescoço e as mãos estendidas ora sobre o tapete, ora entrelaçadas e recolhidas sobre os joelhos, ele próprio se basta como entrevistador e entrevistado*.* De vez em quando, caso uma de minhas raras perguntas suscitasse seu interesse, seu olhar saltava dos reluzentes óculos de aro de tartaruga e recaia sobre mim. É fascinante observar seu rosto, mesmo que seja apenas para acompanhar o jogo alternante entre malícia e bondade, das quais estaríamos tentados a dizer que ambas habitam as mesmas rugas, dividindo-se fraternalmente em sua expressão facial. Não são os piores momentos, quando uma pura alegria provinda de uma anedota maliciosa ilumina suas feições.

Não existe hoje nenhum poeta europeu que tenha acolhido a fama de forma tão inóspita, quando enfim o alcançou no final de seus quarenta anos. Não existe francês que tenha se entrincheirado mais firmemente contra a Academia Francesa. Gide e D’Annunzio – precisamos apenas colocar esses nomes lado a lado para reconhecer o que se é capaz de fazer a favor ou contra a fama. “Como o senhor encara sua fama?” E, então, Gide conta o quão pouco a procurou, a quem agradeceu por tê-lo um dia, ainda assim, encontrado; e como ele dela defendeu-se.

Até 1914 ele estava firmemente convicto de que seria lido apenas após sua morte. Não se tratava de resignação, mas de confiança na duração e força de sua obra. “Desde que comecei a escrever, Keats, Baudelaire, Rimbaud, foram para mim um modelo: pois eu queria, como eles, dever meu nome apenas ao meu trabalho e a nada mais”. Uma vez que um poeta ocupe esse posto, não é raro, então, que um inimigo intervenha e lhe sirva de burro de Bileam [[6]](#footnote-7). Este foi para Gide, Henri Béraud, o romancista (*der Romancier*). Ao leitor francês de jornal, ele tanto afirmou que nada havia de mais ignorante, enfadonho e depravado do que os livros de André Gide, até que por fim as pessoas ficassem atentas e perguntassem: Quem é de fato esse André Gide, que, por nenhum preço, deve ser lido por pessoas decentes? Quando certa vez, após muitos anos, Béraud escreveu, num de seus ímpetos, que de todas as pessoas este Gide era, além de tudo, um ingrato com seus benfeitores; então, o poeta, para enfraquecer essa áspera reprovação, enviou a Béraud a mais bela caixa de chocolate *Pihan.* Junto um cartãozinho com as seguintes palavras: “*Non, non, je ne suis pas un ingrat” [[7]](#footnote-8).*

O que mais contrariava os adversários do jovem Gide era a constatação de que no exterior ele era consideradomais notável do que eles próprios. Isso daria, assim pensavam, uma impressão completamente falsa. E, de fato, da média da publicação de romances parisienses [[8]](#footnote-9), os livros deles teriam dado uma impressão mais correta. Gide foi desde cedo traduzido entre nós e mantém uma relação de amizade com seus primeiros tradutores, com Rilke até sua morte, com Kassner e Blei ainda hoje. Assim chegamos à questão atual da tradução. O próprio Gide, interveio, como tradutor, em relação a Conrad [[9]](#footnote-10), como a Shakespeare. Sabíamos de sua magistral tradução de *Antonio e Cleópatra*. Há pouco tempo, Pitöeff, diretor do *Théatre de l’Art,* pediu a ele o favor de traduzir *Hamlet*. “O primeiro ato custou-me meses. Quando ficou pronto, escrevi a Pitöeff: não consigo mais, /extenua-me em demasia”. “Mas o senhor publicará o primeiro ato?” “Talvez, não sei. Neste momento ele se perdeu em algum lugar entre meus papéis em Paris ou Cuverville. Viajo tanto que não consigo por nada em ordem”[[10]](#footnote-11). Não sem propósito ele conduz a conversa para Proust. Ele está a par do empreendimento de tradução para o alemão, também conhece o lado obscuro de sua história [[11]](#footnote-12). Tanto mais amável sua esperança por um desfecho favorável dessa história. E como sabemos por experiência que em todos que se aproximam de Proust, essa relação decorre em fases, arrisco perguntar sobre sua própria relação.. Ela não é uma exceção a essa lei. O jovem Gide foi testemunha do tempo não esquecido em que Proust, o brilhante *Causeur [[12]](#footnote-13),* começou a despontar nos salões. “Quando nós nos encontrávamos socialmente, eu o tinha como o *snob* mais empedernido*.* Penso que ele não me estimou de outro modo. Nenhum de nós pressentiu a estreita amizade que iria nos ligar”. E quando um dia chegou um metro de pilha de cadernos no escritório da editora da *NRF* [[13]](#footnote-14)*,*  tudo foi primeiramente desconcertante. Gide não arriscou imediatamente imergir naquele mundo. Mas quando começou, logo sucumbiu a seu fascínio. Desde então, Proust é para ele um dos maiores entre todos os pioneiros dessa mais nova conquista do espírito: a psicologia.

Também esse termo, quando se conversa com Gide, é de novo uma porta em uma dessas imensas galerias nas quais corremos o risco de quase nos perder. A psicologia é a causa do ocaso do teatro. O drama psicológico, sua morte. A psicologia é o domínio do diferenciado, do que isola e desconcerta. O teatro é o domínio da unanimidade, da solidariedade, da realização. Amor, inimizade, fidelidade, ciúme, coragem e ódio – no teatro são todas as partes de uma constelação de contornos previsíveis, dadas de antemão. O contrário daquilo que é para a psicologia, cuja compreensão descobre no amor o ódio, na coragem, a covardia. “*Le théatre c’est un terrain banal [[14]](#footnote-15)”.*

Voltamos a Proust. Gide esboça a descrição que já vinha se tornando clássica, desse quarto de enfermo, desse ser adoentado que, naquele permanentemente escuro aposento, o qual, para impedir o ruído, forrava-o com cortiça ao redor, - mesmo as janelas eram cobertas com almofadas -, recebia raros visitantes e, sob sua cama, sem suporte para escrever, rodeado por uma pilha de papéis cheios de rabiscos, escrevia, escrevia e mesmo suas correções ao invés de lê-las, cobria-as com mais frases, “*bien plus que Balzac” [[15]](#footnote-16).* Apesar de sua admiração, Gide constata: “Não tive contato com suas personagens. *Vanité [[16]](#footnote-17) –* essa era a matéria da qual elas eram feitas. Acredito que Proust deixou muita coisa que não conseguiu expressar, brotos que nunca conseguiram se abrir. Em sua obra tardia prevaleceu certa ironia sobre a moral e o religioso, o que nos primeiros escritos era perceptível”. Parece também que o poeta reconheceria em uma característica de sua técnica, de sua composição, uma ambiguidade da essência proustiana, às vezes ocultada pela ironia. “Fala-se de Proust como um grande psicólogo. Ele seguramente o foi. Porém, se insistimos em lembrar com tanta frequência quão artisticamente ele seria capaz de mostrar a mudança de suas principais personagens ao longo de sua vida, então não nos damos conta talvez de uma coisa: cada uma de suas personagens, até a mais inferior, é trabalhada segundo um modelo. Esse modelo, no entanto, não permaneceu sempre o mesmo. Para Charlus, por exemplo, havia certamente no mínimo dois modelos; ao Charlus da última época servia um modelo muito diferente daquele orgulhoso da primeira época”. Gide fala de *surimpression [[17]](#footnote-18),* de um *fondu [[18]](#footnote-19)*. Como em um filme, uma personagem se transforma sucessivamente noutra.

Ao final de uma pausa, Gide diz: ”Eu vim para proferir uma *conferénce [[19]](#footnote-20),* mas a vida berlinense não me deixou fazer em paz aquilo que efetivamente havia planejado. Voltarei e então trarei comigo minha *conférence.* Mas hoje gostaria de lhe contar algo sobre minha relação com a língua alemã. Depois de um longo, intensivo e exclusivo envolvimento com a língua alemã – que ocorreu durante os anos de minha amizade com Pierre Louÿs, quando lemos juntos o segundo *Fausto* – deixei de lado minhas coisas alemãs durante dez anos. A língua inglesa prendeu toda minha atenção. No ano passado, então, no Congo, voltei a abrir novamente um livro alemão, *As afinidades eletivas [[20]](#footnote-21).* Então fiz uma estranha descoberta, minha leitura após esses dez anos de pausa não estava pior, mas estava melhor. Não foi” - e aqui Gide insiste – “o parentesco entre o alemão e o inglês que tornava a leitura mais fácil para mim. Não, mas justamente porque havia me separado de minha própria língua materna, recebi o *élan* de apoderar-me de outra língua estrangeira. No aprendizado de línguas o mais importante não é qual língua se aprende; abandonar a sua é o decisivo. Só assim, também, a entendemos verdadeiramente”. Gide cita uma frase da descrição da viagem do navegante de Bougainville: “Quando nós deixamos a ilha, demos-lhe o nome de *Ile du* *Salut*” [[21]](#footnote-22), ao que ele emenda com a maravilhosa frase: “*Ce n’est qu’en quittant une chose que nous la nommons*”[[22]](#footnote-23).

“Se eu”, prossegue, “influenciei a geração que me sucedeu em alguma coisa, foi o fato de que agora os franceses começam a mostrar interesse por terras e línguas estrangeiras, onde antes reinava a indiferença e a indolência. Leia a *Voyage de Sparte [[23]](#footnote-24)* de Barrès e o senhor saberá o que quero dizer. O que Barrès via na Grécia é a França, e onde ele não via a França, nada queria ter visto”. Chegamos, pois, de repente, em um dos temas gideanos predileto: Barrès. Sua crítica ao *Déracinés*  *[[24]](#footnote-25)* de Barrès, escrita já há trinta anos, foi uma firme recusa dessa epopeia do enraizamento. Foi a confissão magistral do homem que não quer fazer valer o nacionalismo saturado e reconhece as características do povo francês apenas onde elas em si encerram o espaço de tensão da história europeia e da família de povos europeus.

“Os desenraizados” – Gide tem só um amável escárnio para uma metáfora poética que passa tão completamente ao lado da verdadeira natureza. “Eu sempre disse que é uma pena que Barrès tenha a botânica contra si. Como se a árvore se fechasse e não mais alcançasse por seus rebentos, com todos seus ramos, a vasta atmosfera. É uma desgraça quando os poetas não têm a menor noção de ciências naturais”. Diante de mim, está um homem que escreveu certa vez: “Eu só quero lidar com a natureza. Uma carroça de legumes transporta mais verdade do que o mais belo período de Cícero”. Esse círculo de imagens ainda prende Gide: “Há pouco falava de Proust, de quantos de seus brotos permaneceram fechados. Comigo foi diferente. Eu quero que tudo o que aprendi venha à luz do dia, encontre sua forma. Isso possui talvez uma desvantagem. Minha obra tem algo de matagal, do qual dificilmente desprendem-se meus traços determinantes. Aqui eu aguardo com paciência. *Je n’écris que pour être relu*.[[25]](#footnote-26) (). Eu conto com o tempo depois da minha morte. Somente a morte expulsará a figura do poeta da obra. Então a unidade da obra será inconfundível. Entretanto, não deixei que ela se tornasse fácil para mim. Sei que existem poetas que, desde o início, aspiram apenas limitar-se cada vez mais. Um homem como Jules Renard não se tornou o que é por desdobramento, mas pelo mais descarado corte de seus brotos[[26]](#footnote-27). Isso não é pouco. O senhor conhece seus diários? Um dos documentos mais interessantes ... Mas algo que às vezes pode adquirir traços grotescos. Comigo é bem diferente. Eu sei o quanto foi atormentador meu primeiro contato com os livros de Stendhal, o quão hostil esse universo me tocou num primeiro momento. Por isso mesmo me senti apaixonado por este. Mais tarde aprendi bastante com Stendhal”. Gide sempre foi um grande aprendiz. Se observarmos mais de perto, isso talvez o tenha decisivamente poupado, de forma mais determinante, da influência estrangeira do que um obstinado recuo poderia ter feito. O mais “influenciado” é o inerte, ao passo que o aprendiz chega, mais cedo ou mais tarde, a apoderar-se do que na criação estranha lhe é útil, para incorporá-lo como técnica em sua obra. Nesse sentido existem poucos autores que mais tenham aprendido, com tanta dedicação, do que Gide. “Fui em cada direção que tomei até o mais extremo, para então, com a mesma decisão tomar a direção oposta”. Essa negação, em princípio, de toda boa medida [[27]](#footnote-28), essa confissão em favor dos extremos, o que é, senão a dialética, não como método de um intelecto, mas como sopro de vida e paixão desse homem. Gide não quer aparentemente me contradizer, quando aqui suponho o motivo de todos os mal entendidos e certas inimizades que o atingem. Ele continua explicando: “Muitos têm por certo que não faço outra coisa do que desenhar a mim mesmo, e então quando meus livros põem em jogo as mais diferentes personagens, eles concluem com sua “perspicácia”: quão sem caráter, vacilante e não confiável esse autor deve ser”.

“Integrar”, essa é a paixão de Gide no pensar e no expor. O interesse crescente pela “natureza” – conhecido por muitos grandes autores como como um direcionamento da vida na maturidade – significa no caso dele: o mundo também nos extremos é ainda completo, saudável e natureza. E o que leva a esses extremos não é a curiosidade ou o entusiasmo apologético, mas um alto discernimento dialético.

Pode-se dizer sobre esse homem: ele seria o “*poète des cas exceptionels*”, o poeta de casos excepcionais. Gide: “*Bien entendu,* é assim mesmo. Mas por quê? Nós encontramos dia a dia comportamentos e caráteres que através de sua mera existência tiram de circulação nossas velhas normas. Uma boa parte de nossas decisões, as mais banais ou as mais extraordinárias, escapam da avaliação ética tradicional. E por isso, é necessário acolher primeiramente tais casos, com precisão, sem covardia ou cinismo”. Qualquer coisa que Gide tenha escrito no estudo desses assuntos em romances como *Les* *Faux-Monnayeurs[[28]](#footnote-29),* em ensaios, em sua importante autobiografia *Si le grain ne meurt [[29]](#footnote-30),* seus inimigos lhe perdoariam, contanto que nisso tivesse apenas aquela pequena dose de cinismo que sempre concilia tanto os *snobs* quanto os pequeno-burgueses com tudo. O que os exaspera não é o “imoral”, mas a seriedade. Desta Gide é, contudo, inalienável, apesar de toda a malícia de sua conversação e de toda ironia soberana que emerge em *Prométhée mal enchaîné [[30]](#footnote-31),* em *Nourritures Terrestres [[31]](#footnote-32)* e em *Caves du Vatican [[32]](#footnote-33).* Ele é, como recentemente declarou Willy Haas [[33]](#footnote-34), nesse momento, o último francês da têmpera de Pascal. Na linhagem dos moralistas franceses que prossegue com La Bruyère, La Rochefoucault, Vauvenarques, nenhum lhe é mais aparentado do que o próprio Pascal. Um homem, a quem, no século XVII, teriam chamado de “*cas particulier*”, de doente, se a terminologia clínica superficial de nossa época fosse conhecida. É justamente por isso que Gide aparece, com Pascal, na linhagem dos grandes educadores da França. Para os alemães, fechados em si mesmos, recolhidos, encorujados, aquele sempre será o modelo, a figura educadora pura que põe em relevo o tipo alemão, como hoje Hofmannsthal e Borchardt tentam fazer. Para os franceses, entretanto, ricos em caráter popular, emultiplamente diferenciados em ramificações genealógicas, padronizados em suas virtudes nacionais e literárias de maneira mais rígida e precária do que qualquer outro povo, o grande caso de exceção à moral esclarecida, é a mais alta instância educadora. Este é Gide. Este semblante, no qual às vezes o grande poeta mais se esconde do que se revela, contrapõe, inabalavelmente, sua fronte[[34]](#footnote-35) ameaçadoramente concentrada à indiferença moral e à suficiência branda.

1. G.S. IV-1, pp.502-509. Tradução de Carla Milani Damião. [↑](#footnote-ref-2)
2. N.T.:Benjamin foi escolhido pelo jornal *Deutschland Allgemeine Zeitung* e pela revista *Literarische Welt* para entrevistar André Gide em sua visita a Berlim. Do encontro resultaram dois artigos: *André Gide und Deutschland. Gespräch mit dem Dichter (G.S.* IV-1, pp.497-502), publicado no jornal em 29/01/1928 e *Gespräch mit André Gide (G.S.* IV-1, pp.502-509), publicado na revista em 17/02/1928. Essa tradução corresponde ao artigo publicado na revista. Benjamin tinha 30 anos nessa data e Gide 59 anos. Em carta a Scholem (30.01.1928), Benjamin diz esperar que com a publicação da entrevista sua situação em Paris melhore.

   . [↑](#footnote-ref-3)
3. N.T.: “portador de todas suas coisas consigo”.

   [↑](#footnote-ref-4)
4. N.T.: *Interview* no texto original. Benjamin teoriza sobre *Gespräch* (conversa ou conversação) no texto de juventude intitulado *Metafísica da juventude. A conversação*. (*Metaphysic der Jugend, Das Gespräch)*, *Gesammelte Schriften*, volume II(1), p. 91-96.

   . [↑](#footnote-ref-5)
5. N.T.: lenço de seda.

   [↑](#footnote-ref-6)
6. N.T.: Expressão que significa que o adversário presta-lhe um grande favor ao criticá-lo.

   . [↑](#footnote-ref-7)
7. N.T.: “Não, não, eu não sou um ingrato”.

   [↑](#footnote-ref-8)
8. N.T.: No original: *Pariser Romanfabrikation*.

   . [↑](#footnote-ref-9)
9. N.E.: Joseph Conrad.

   [↑](#footnote-ref-10)
10. N.T.: As citações estão em sequência no texto original, sem indicar os autores.

    . [↑](#footnote-ref-11)
11. N.T.: O empreendimento de traduzir a obra de Proust, *Em busca do tempo perdido,* cuja incumbência inicialmente seria de Benjamin e Franz Hessel, havia fracassado naquele momento.

    [↑](#footnote-ref-12)
12. N..T.: Conversador.

    [↑](#footnote-ref-13)
13. N.T.: a revista *Neue revue française,* na qual Gide teve um importante papel intelectual como atesta a obra de Auguste Anglés, *André Gide et le premier groupe de la* Nouvelle Revue Française. *Une inquiète maturité, 1913-1914,* Éditions Gallimard, 1986.

    [↑](#footnote-ref-14)
14. N.T: “O teatro é um terreno banal”.

    [↑](#footnote-ref-15)
15. N.T: “ainda mais do que Balzac”.

    [↑](#footnote-ref-16)
16. N.T: Vaidade.

    . [↑](#footnote-ref-17)
17. N.T.: Impressão sobre impressão

    [↑](#footnote-ref-18)
18. N.T.: Fusão

    . [↑](#footnote-ref-19)
19. N.T.: Conferência.

    [↑](#footnote-ref-20)
20. N.T.: Gide refere-e à obra de Goethe, *As afinidades eletivas* (*Die Wahlverwandschaften),* sobre a qual Benjamin escreveu um longo ensaio. Segundo a única testemunha presente nessa entrevista, Pierre Bertaux, Benjamin havia enviado seu ensaio a Gide, pois ele teria perguntado se Gide o havia lido. Essas observações foram feitas em carta de Bertaux a respeito desse encontro (Cf. *Walter Benjamin, G.S.* VII, pp.257-269).

    . [↑](#footnote-ref-21)
21. N..T.: Ilha da Salvação

    [↑](#footnote-ref-22)
22. N.T.: “Apenas quando deixamos uma coisa é que a nomeamos”. [↑](#footnote-ref-23)
23. N.T.: *Viagem a Esparta*

    [↑](#footnote-ref-24)
24. N.T.: *Os desenraizados*.

    . [↑](#footnote-ref-25)
25. N.T.: Em francês no original: “Eu escrevo apenas para ser relido”. [↑](#footnote-ref-26)
26. N.T.: No original: *Trieb*. Parece existir um jogo que pode ser expresso nas possíveis traduções como broto, rebento ou pulsão. [↑](#footnote-ref-27)
27. N.T.: die goldene Mitte: expressão que significa meio termo, termo médio entre dois extremos. [↑](#footnote-ref-28)
28. N.T.: *Os moedeiros falsos*.  [↑](#footnote-ref-29)
29. N.T.: *Se o grão não morre.*

    [↑](#footnote-ref-30)
30. N.T.: *Prometeu mal acorrentado*.

    *.* [↑](#footnote-ref-31)
31. N.T.: *Frutos da terra*.

    [↑](#footnote-ref-32)
32. N.T.: *Subterrâneos do Vaticano.*

    *.* [↑](#footnote-ref-33)
33. N.E.: Willy Haas (1891-1973), fundador da revista *Die Literarische Welt*, para a qual Benjamin escrevia.

    [↑](#footnote-ref-34)
34. N.T.: O termo “front”, em francês no texto original, relacionado ao semblante de Gide, sugere uma fusão com a imagem inicial do texto com o forte ou fortaleza. Ao concluir com essa imagem, Benjamin utiliza a ambiguidade da palavra em francês que coincide em sentido no português: a fronte como testa e o fronte como fileira militar no campo de batalha. [↑](#footnote-ref-35)